

Editorial

ATUALMENTE SE DISCUTE a avaliação das revistas científicas no Brasil. Muito pode ser dito e discutido sobre o assunto, como tem de fato ocorrido. Da parte do corpo editorial de **MATRIZES**, é claro, a classificação provisória que situaria a revista no primeiro estrato da classificação é motivo de orgulho. Isso não nos leva, entretanto, a pensar que a revista não possa e deva ser aperfeiçoada, em eventuais caminhos inovadores, como na sua gestão – por exemplo, com a feitura de mais dossiês que possam ser úteis à área, com editores convidados – ou na divulgação dos trabalhos que são publicados – nesse caso, sendo estratégico o meio digital. Na verdade, o desafio é duplo: fazer o novo e, ao mesmo tempo, manter a qualidade da publicação, a partir de critérios tradicionalmente valorizados nas revistas científicas, como a manutenção da periodicidade, a indexação em bases de dados, a continuidade de processos de avaliação rigorosos, a inserção de indicadores digitais dos trabalhos (DOI) e autores (Orcid), entre outros.

Pode-se discutir em que medida o critério do *impacto* de uma revista científica é verdadeiramente mensurado pelas citações, principalmente na área das Humanidades, com sua forte tradição no uso de livros e, por isso, com uma *cultura de revistas* relativamente recente. Se a citação advém de uma censura, elogio ou, de maneira mais substantiva, do suporte que o trabalho citado oferece ao novo conhecimento, não sabemos. No entanto, resta o fato de que toda revista quer ser lida, e as citações são ao menos uma métrica dessa dimensão, sendo mais significativa do que o simples acesso aos artigos no meio digital.

Permitir que **MATRIZES** seja lida amplamente é uma preocupação dos editores. Assim, na busca por trabalhos que tenham essa característica, a revisão inicial dos textos pelo Comitê Editorial, por vezes, opta por não aceitar determinadas submissões, sem juízo quanto à qualidade dos trabalhos. É que, como dito, procuramos nos afirmar como uma revista de Comunicação que possa trazer conhecimentos teóricos e empíricos de escala mais geral e, igualmente, inovadora, atualizada, com discussões capazes de inseminar, ampliar e consolidar conhecimentos e reflexões.

Por isso, temos a satisfação de iniciar o **Dossiê** deste número com o artigo de Giuseppe Richeri **China: problemas emergentes e medidas para orientar a opinião pública e combater a dissidência**. Observa-se neste trabalho um exemplo de discussão recente e instigante, no qual a questão política não faz perder de vista a perspectiva da Comunicação. Na verdade, a interface do tema só enriquece o campo de conhecimento, ao apontar novas dimensões do problema da opinião pública no âmbito, muito peculiar, da atual realidade chinesa. No artigo seguinte, **Inter-relações entre culturas, tecnicidade e cidadania na obra de Jesús Martín-Barbero**, Jiani Adriana Bonin analisa a obra de Jesús Martín-Barbero, buscando nela pistas para pensar a cidadania em tempos digitais, evidenciando a produtividade do modo como a questão da tecnicidade é pensada pelo autor. Sobre o prisma da relevância para a atualidade, Eugênio Bucci indaga, traz questões, e não necessariamente respostas definitivas – como ele mesmo reconhece – sobre o entrecruzamento das dimensões do entretenimento e do exercício do poder, no artigo **Dissonâncias estruturais na comunicação do Poder Judiciário no Brasil: perguntas**. Ele ressalta ainda a necessidade de repensar a temática, propondo critérios para tanto. O **Dossiê** da edição é concluído com o texto de François Jost, **Extensão do domínio da televisão à era digital**, que aborda outra questão cujos desenvolvimentos são recentes, ao analisar como as plataformas digitais têm alterado o consumo da TV. No entanto, o autor procura lançar um olhar mais geral ao assunto, de modo que recupera a trajetória de mudanças na produção televisiva provocada pela introdução do computador nesses processos, desde a década de 1990.

Na **Entrevista** deste número, efetuada por Bruno Campanella, o pesquisador britânico Nick Couldry discorre sobre sua mais recente investigação, sobre o colonialismo de dados e o processo de datificação da sociedade, sendo instigado a situar esse trabalho no conjunto de sua obra.

A seção **Em Pauta** é aberta pelo artigo **Perda gestacional e neonatal, um sofrimento como outro qualquer**, de Cristina Teixeira Vieira de Melo e Paulo Roberto Gibaldi Vaz. O texto possui o instigante aspecto de analiticamente demonstrar a aproximação contemporânea entre um agrupamento social derivado do luto e a lógica dos movimentos sociais identitários. No artigo seguinte, **O trabalho do fã no texto transmídia: uma abordagem a partir da televisão**, Yvana Fachine e Cecília Almeida Rodrigues Lima exploram a categoria analítica do trabalho do fã, num tipo particular de texto – o texto transmídia. De certa forma, afeito também às práticas audiovisuais, o artigo **A meta para a crítica da/na mídia em abordagens metacríticas**, de Ivan Paganotti e Rosana de Lima Soares, desenvolve teoricamente questões que envolvem a possibilidade de pensar o conceito de metacrítica midiática como uma noção capaz de aglutinar análises sobre as práticas midiáticas.

Na continuidade da seção, Ana Paula da Rosa, em **Imagens em espiral: da circulação à aderência da sombra**, discute o imaginário midiático vinculado ao atentado à revista *Charlie Hebdo* no período de 2015 a 2018, destacando como, no contexto da midiatização, há uma complexificação nos processos que envolvem a produção e circulação de imagens. No artigo **Percepções de jornalistas brasileiros sobre privacidade**, Rogério Christofolletti aborda o delicado e atual tema da privacidade, a partir da análise de uma pesquisa online realizada com profissionais, verificando, entre outras observações, que há incertezas sobre o tema, principalmente derivadas de práticas relacionadas a novas tecnologias. Num registro mais culturalista, no artigo que encerra a seção, Heloísa de A. Duarte Valente e Solange Wajzman, em **No tom, como manda o figurino: a estética da chanchada pela música e pela moda**, exploram as ideias de nomadismo e movência em textos artísticos, desenvolvendo análises que enfatizam elementos das linguagens da moda e da música.

Na **Resenha** que encerra esta edição, intitulada **Publicística, a precursora das ciências da comunicação?**, Otávio Daros discute o livro *Síntese de história da publicística: estágios reflexivos da ciência da comunicação pública alemã*, de Francisco Rüdiger, apontando suas contribuições para o estudo da história do pensamento em Comunicação e mostrando como ele se situa na obra do autor.

Concluindo o **Editorial**, prestamos nosso agradecimento à professora e pesquisadora Margarida Maria Krohling Kunsch que, devido a suas responsabilidades como pró-reitora, solicitou afastamento de sua colaboração na revista. Por outro lado, saudamos a nova integrante do Comitê Editorial, a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP, Roseli Figaro.

Desejamos a todos uma boa leitura. ■

Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Roseli Figaro
Richard Romancini
Luciano Guimarães